



**DA ETNOGRAFIA MULTI-SITUADA AOS MÉTODOS MÓVEIS:
UM RELATO ETNOGRÁFICO MÓVEL DO TURISMO EM FAVELAS**

*From multi-sited ethnography to mobile methods:
a mobile ethnographic story of favela tourism*

Camila Moraes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: camila.moraes@unirio.br

Áltera, João Pessoa, v.1, n.12, p. 209-237, jan./jun. 2021

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Considerando os estudos do turismo como um campo profícuo para etnografias multissituadas (MARCUS, 1995), este artigo visa apresentar um relato sobre o percurso de descoberta do turismo em favelas como um campo multissituado e apresenta o percurso de uma jovem pesquisadora pelas fronteiras de expansão do turismo em favelas no contexto dos megaeventos, retração no período imediatamente posterior, chegando às fronteiras do chamado turismo virtual na pandemia do novo coronavírus em 2020. Aliada aos métodos móveis (BUSCHER et al., 2011), esta etnografia multissituada se revela como importante e apropriada forma de registro para dar conta de um objeto empírico, em constante movimento – o turismo em favelas.

PALAVRAS-CHAVE:

Estudos do turismo. Turismo em favelas. Etnografia multissituada. Métodos móveis.

ABSTRACT:

Considering tourism studies as a fruitful field for multisited ethnographies (MARCUS, 1995), this article aims to present the course of a journey into discovering of favela tourism as a multisited field. For that, it presents the journey of a young researcher across the borders of the expansion of favela tourism in the context of megaevents, retraction in the immediately following period, reaching the borders of the so-called virtual tourism in the new coronavirus pandemic in 2020. Allied to mobile methods (BUSCHER et al., 2011), this multisited ethnography reveals itself as an important and appropriate form to register an empirical object in constant movement like favela tourism.

KEYWORDS:

Tourism studies. Favela tourism. Multisited ethnography. Mobile methods.



INTRODUÇÃO - A ETNOGRAFIA MULTISSITUADA E OS MÉTODOS MÓVEIS

A etnografia multissituada foi propagada a partir dos estudos de George Marcus (1995) e ganhou maior reconhecimento no final dos anos 1990 em estudos de migração, quando o “estar lá”, tradicional expressão dos estudos etnográficos cunhada por Geertz (1988), se amplia para os pontos de partida e de chegada (WATSON, 1977 apud HANNERZ, 2003). Para Marcus, a etnografia multissituada permite observar a “circulação de significados culturais, objetos e identidades em espaço-tempo difusos” (MARCUS, 1995, p. 96, tradução minha¹). Ou seja, permite denominar de etnografia pesquisas que não “cabem” em um único lugar, mas que só fazem sentido ou aprimoram os sentidos se desenvolvidas de forma multissituada, ou seja, em movimento.

Marcus nos orienta assim sobre como produzir etnografias multissituadas e sugere os seguintes modos ou técnicas: seguir as pessoas; seguir as coisas ou objetos materiais (mercadorias, obras de arte etc.); seguir as metáforas (sinais e símbolos); seguir o enredo, história, alegorias ou narrativas; seguir a biografia; e seguir o conflito (MARCUS, 1995, p. 106-110). E aponta que o etnógrafo multissituado é um “ativista”, mas destaca que não devemos confundir com engajado ou de vanguarda, mas sim considerar que este etnógrafo, ao conduzir pesquisas em vários locais, se depara com vários tipos de compromissos “pessoais transversais e contraditórios”. Esses conflitos são, então, resolvidos “renegociando identidades em locais diferentes à medida que se aprende mais sobre uma fatia do sistema mundial” (MARCUS, 1995, p. 113, tradução minha²).

Esta etnografia, que também pode ser chamada de móvel, segue, como Marcus alerta, “trajetórias inesperadas no rastreamento de uma formação cultural através e dentro de vários locais (...) e constrói etnograficamente aspectos do próprio sistema por meio das associações e conexões que sugere entre locais (MARCUS, 1995, p. 96, tradução minha³). No entanto, é importante notar que a etnografia mul-

¹ No original: “(...) *the circulation of cultural meanings, objects, and identities in diffuse time-space*”.

² No original: “(...) *renegotiating identities in different sites as one learns more about a slice of the world system*”.

³ No original: “(...) *trajectories in tracing a cultural formation across and within multiple sites (...) it also ethnographically constructs aspects of the system itself through the associations and connections it suggests among sites*”.



tissituada não é novidade. Como Marcus nos lembra, o próprio Malinowski, pioneiro nas pesquisas de campo antropológico, já realizava estudos multissituados em sua etnografia sobre os trobriandeses, quando ele seguia os nativos, suas trocas e rituais envolvidos no *kula*.

Assim, a etnografia multissituada se apresenta como uma importante forma de descrição e análise de movimentos ou fluxos em casos de pesquisas sobre fenômenos que se manifestam em diversos locais, mas guardando relações uns com os outros através de redes que se formam intra e interlocais. Os estudos do turismo, tornam-se assim um campo profícuo para etnografias multissituadas, isto porque envolvem, em grande medida, deslocamentos / movimentos de pessoas, objetos, lugares e imaginários.

Deste modo, trago, neste artigo⁴, um relato etnográfico multissituado sobre o turismo em favelas⁵ no Rio de Janeiro, acompanhando desde a sua expansão no contexto dos megaeventos, passando pela retração ocorrida imediatamente após os megaeventos e chegando até a reinvenção deste turismo na pandemia do novo coronavírus. A etnografia multissituada aliada aos métodos móveis (BUSCHER et al., 2011; BUSCHER; VELOSO, 2018) se revela como um importante e apropriado registro para dar conta de um objeto empírico que, como apresentarei na próxima seção, está em constante movimento e tais métodos nos auxiliam na compreensão da complexidade desses movimentos.

De acordo com Buscher et al. (2011), existem alguns métodos móveis que podem ser acionados por pesquisadores, tais como: observar e participar de atividades em movimento, acompanhar o movimento de objetos, mensagens de texto e etnografias nos campos virtuais, entre outros. Dentre as possibilidades de métodos mó-

⁴ Este artigo é resultado de reflexões iniciadas no Mestrado em Ciências Sociais sob orientação de Rosane Manhães Prado (PPCIS/UERJ), e retoma e avança na pesquisa de doutorado realizada sob orientação de Bianca Freire-Medeiros (Sociologia / USP) com estágio de pesquisa realizado sob supervisão de John Urry e Monika Buscher (CeMoRe/Lancaster University). Agradeço as contribuições das minhas orientadoras e a leitura atenta do Grupo de Pesquisa Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos (MTTM).

⁵ Opto pela utilização do termo favela, pois este é o termo acionado pelos moradores no turismo. Para maiores informações sobre o debate favela ou comunidade ver capítulo de Patrícia Birman do livro *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*, organizado por Luiz Antonio Machado da Silva e publicado pela editora Nova Fronteira em 2008. Texto cedido para divulgação no Dicionário de Favelas Marielle Franco disponível no link: <[https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favela_%3%A9_comunidade%3F_\(artigo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favela_%3%A9_comunidade%3F_(artigo))>. Acesso em: 25 fev. 2021.

veis propostos, identifico-me com o método chamado de “caminhar com”, ou seja, o método de pesquisa em que o pesquisador caminha ou “segue” os pesquisados. Em diversos momentos da pesquisa, eu fiz isso. Andava pelas favelas, conhecendo-as com um morador. No entanto, este método não retrata por completo o que foi feito, é preciso adicionar outro elemento que seria o “trabalhar com” ou “colaborando com” ou ainda “trocando com”. Pois a forma que eu encontrei de fazer pesquisa foi trabalhando com os moradores de favelas, indo às reuniões com eles, onde a entrada nestes espaços era, de certo modo, condicionada a possibilidade de contribuir ou trocar conhecimento sobre turismo. E isso era possível porque eu era conhecida e reconhecida por diversos atores como a professora ou profissional de turismo. Ou seja, minha identidade era e ainda é ativamente negociada, mantendo sempre a unidade de atuação em todas as favelas como professora.

Neste sentido, e considerando como é disperso e diversificado o turismo em favelas, busquei entender a construção de redes de turismo e seu papel no estabelecimento de ligações translocais, encontrando interconexões entre os atores e redes de turismo em favelas para entender e acompanhar como se deu o processo de expansão desse turismo no Rio. Para isso, segui o conselho de Buscher et al. (2011) e permiti-me mover e ser movida pelos diversos atores envolvidos neste turismo em favelas no Rio de Janeiro, como, por exemplo: moradores atuantes no turismo e outros pesquisadores. Assim, pude perceber como pessoas, objetos, informações e ideias se movem e são mobilizados em interação uns com outros, revelando como estes movimentos e relações moldam ordens sociais, políticas e econômicas (WITTGENSTEIN, 1953; GARFINKEL, 1967 apud BUSCHER et al. 2011, p. 7).

É importante citar que etnógrafos que estudam o Turismo, em geral, fazem observação participante como turista e/ou como profissionais de turismo (FROHLICK; HARRISON, 2008). Neste artigo, relato como me movi em campo das duas formas: ora como turista nas favelas, ora como professora / profissional de turismo nas favelas.

No grupo de observações realizadas como turista, visitei as favelas pesquisadas, fui a restaurantes e bares em favelas, me perdi para encontrar lugares, passei horas andando e observando mirantes, becos, manifestações artísticas, tirando fotos,



comprando souvenirs e experimentando os transportes locais. Todas estas atividades me ajudaram a interagir e conversar com todos os tipos de pessoas como: moradores, empresários locais, trabalhadores, turistas, policiais, entre outros. No entanto, a maior parte dos turistas em favelas ainda são estrangeiros, apesar de encontrarmos também turistas nacionais e, por isso, meus momentos de turista, após algum tempo de interação, eram convertidos ao lugar de professora / profissional do turismo, pois as pessoas me identificavam como turista até o momento em que eu abria a boca e explicava o que estava fazendo ali em português.

Com o tempo, percebi que era mais bem recebida quando me apresentava como professora de turismo do que como pesquisadora, fato que ocorria diante da intensificação de pesquisadores acadêmicos, de empresas e do Estado interessados nos novos projetos, novas políticas públicas, questões de segurança e turismo no contexto dos megaeventos. Como profissional / professora de turismo, os moradores me viam de forma mais familiar e como alguém que poderia trocar conhecimentos e não só extrair informações. Esta posição me deixava mais confortável no trabalho de campo e abria espaços para observação participante como, por exemplo, reuniões e debates sobre o turismo em favela; ora participando como professora / palestrante de turismo para os moradores; ora mediando reuniões de organizações locais com outras organizações interessadas em projetos em favelas; ou ainda escrevendo projetos com moradores. Como professora, em diversos momentos estava acompanhada dos estudantes, que também contribuía nos projetos locais falando outras línguas ou testando roteiros.

Com isso, realizei visitas, observações participantes, conversas informais e entrevistas semiestruturadas em quatorze favelas do Rio de Janeiro entre 2009 e 2016, a saber: Rocinha; Vidigal; Pavão, Pavãozinho e Cantagalo; Tabajaras e Cabritos; Babilônia e Chapéu Mangueira; Santa Marta; Complexo do Alemão; Turano e Salgueiro. É importante destacar que nestas favelas não realizei um estudo sobre a cultura e vida social, nem utilizei todos os métodos citados em todas as situações. Analisei a expansão do turismo para e nestas áreas ponderando: os atores envolvidos; as redes formadas; as relações construídas entre atores destas favelas; entre eles e atores externos como, por exemplo, agentes governamentais, turistas nacionais e estrangeiros, entre outros.





Figura 1 – Mapa das favelas turísticas pesquisadas
 Fonte: Elaborado pela autora

Assim, a etnografia multissituada aliada aos métodos móveis me ajudou a cobrir diferentes cenários do turismo em favelas, que se desdobram em práticas significativas que permitem a percepção e a compreensão das conexões entre os agentes locais, apresentando as ligações multissituadas do turismo em favelas.

A DESCOBERTA DO TURISMO EM FAVELAS COMO CAMPO MULTISSITUADO

O turismo em favelas é a expressão local de um fenômeno global: o turismo em áreas de pobreza. De acordo com Frenzel et al. (2015), o chamado *slum tourism* apresenta-se como um fenômeno do turismo de massa que ocorre em algumas áreas do sul global. Nos últimos trinta anos, a oferta desses *tours* tem aumentado, bem como o número de turistas interessados em conhecer essas áreas. Estima-se um número anual de mais de um milhão de turistas distribuídos na África do Sul e Brasil (Rio de Janeiro), que concentram 80% deste fluxo, e os outros 20% se distribuem pela Índia, Quênia, México, entre outros países do Sul Global (FRENZEL et al., 2015).

Se, genericamente, o passeio é conhecido como *slum tourism*, na África do Sul, é conhecido como *township tourism* e, no Brasil, como turismo em favelas. Em geral, envolve *tours* ou visitas guiadas com duração entre duas ou três horas, sendo 80% destes vendidos nas *townships* da África do Sul e nas favelas do Rio de Janeiro (FRENZEL et al., 2015; FREIRE-MEDEIROS, 2013). Entre 1990 e 2000, começamos a ver a expansão desse turismo para áreas de pobreza na Namíbia (FRENZEL et al., 2015) e

México (DURR, 2012). Na década de 2000, esta prática aparece em outros países do Sul Global. Em 2003, passamos a encontrar a oferta de *tours* na Argentina (FREIRE-MEDEIROS, 2009) e, no Egito, em 2005 (MEKAWY, 2012). Em 2006, em Dharavi – Índia, um inglês, inspirado pela sua visita à Rocinha, passa a operar *tours* que se popularizam entre os turistas após o filme *Slumdog Millionaire* (FREIRE-MEDEIROS, 2009, 2013; MENDES apud FRENZEL; KOENS, 2012). Em 2007, encontramos o surgimento de outro destino de pobreza no Quênia, onde pesquisas indicam que o início dos *tours* data do Fórum Social Mundial no local no mesmo ano. Atualmente, Kibera, uma área de pobreza do Quênia, é um importante destino com pelo menos cinco operadores comercializando *tours* no local (MOWFORTH; MUNT, 2009 apud FRENZEL; KOENS, 2012). Para Fenzel et al. (2015), tal expansão demonstra que o *slum tourism* está se consolidando como uma opção para desenvolvimento do turismo em diversos países do globo, e sugerem uma reflexão sobre como este tipo de turismo surge neste momento histórico e contexto social, e com que consequências tem se desenvolvido em cada local.

No Brasil, o turismo em favelas se desenvolve nos anos 1990 no Rio de Janeiro, mais especificamente na Rocinha, durante a ECO 92 (FREIRE-MEDEIROS, 2009, 2013; FRENZEL e KOENS, 2012), e, nos anos 2000, se expande para outras favelas da cidade como parte e parcela das políticas públicas (FREIRE-MEDEIROS, 2013; FRENZEL, 2016; MORAES, 2017).

O interesse do Estado no desenvolvimento do turismo em favelas aparece pela primeira vez na Providência em 2006 com planos para um museu a céu aberto (MENEZES, 2008, 2012; SILVA; LAERCIO, 2011). A segunda em 2008 no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, quando o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) apoiou a fundação do Museu de Favela (MUF) para valorização da cultura local e para atração de turistas para esta área (MORAES, 2010, 2011; RODRIGUES, 2014; FAGERLANDE, 2015). A terceira, em 2010, foi com o lançamento do Programa Rio Top Tour no Santa Marta, após a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) (FREIRE-MEDEIROS et al., 2012; OST; FLEURY, 2013; CARVALHO, 2013; VALDUGA; MOURA, 2013; BARBOSA, 2014, 2015; MENEZES, 2015). Este programa, originalmente, seria desenvolvido em outros três grupos de favelas: Chapéu Mangueira e Babilônia; Pa-



vão, Pavãozinho e Cantagalo; e Providência, que receberam UPP entre 2009 e 2010. O Programa foi interrompido, pois não encontrou condições favoráveis à expansão. Lideranças locais apresentaram uma contraproposta no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo que não foi aceita pela coordenação do Programa e, além disso, mudanças no governo levaram ao encerramento do projeto, que foi concluído apenas no Santa Marta (MORAES, 2011). A quarta e última vez que encontramos o turismo em favelas nas políticas públicas é novamente no PAC; na ocasião do lançamento do teleférico do Complexo do Alemão, em 2011. Pesquisadores analisaram como o teleférico impulsionou o turismo no local, bem como outras iniciativas análogas no território (SILVA; LAÉRCIO, 2011; MEES, 2015).

É neste contexto de interesse do Estado no turismo em favelas que inicio minhas pesquisas sobre o tema, mais precisamente em 2009 como professora de um projeto de extensão parceiro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

A ENTRADA NO CAMPO MULTISSITUADO

O primeiro contato com o turismo em favelas foi através do Museu de Favela em 2009, quando participei do primeiro “Visitação Experimental” – uma visita em grupo, organizada em caráter de teste pelo Museu comunitário fundado em 2008 por lideranças locais com apoio do Projeto Social do Programa do PAC, com a proposta de se tornar “monumento turístico das favelas cariocas” (MUF, 2008 apud MORAES, 2011)

Ainda em junho de 2009, pouco depois desta visita, fui chamada para dar algumas aulas no curso do PAC sobre turismo, onde parte dos alunos compunham a primeira diretoria do MUF e alguns de seus fundadores. Durante o curso, fui conhecendo melhor os moradores e as suas expectativas com relação ao turismo na favela e, ao final do curso, permaneci em campo. Naquele momento, eu dava meus primeiros passos na pesquisa sobre a expansão das fronteiras do turismo em favelas, tomando o Museu de Favela no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo como referencial empírico.

Com a declaração do Rio de Janeiro como cidade-sede de megaeventos



(Rio+20, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) entre 2009 e 2016, eu pude observar em algumas favelas a sua preparação, engajamento, crítica e participação nestes megaeventos. Acompanhei o planejamento e criação de um novo roteiro do MUF na parte alta do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, o chamado Caminho do Alto; uma série de debates sobre gentrificação no Vidigal; o I Congresso de Turismo e Base Comunitária da Rocinha, apenas para citar alguns (MORAES, 2016).

Mas foi a partir do novo roteiro do Museu de Favela que comecei a me mover pelas favelas turísticas do Rio de Janeiro. O Museu pretendia preservar a mata remanescente no topo do morro, bem como contar para moradores e visitantes as tradições e histórias de uso do ambiente por parte da comunidade. Este caminho foi apresentado pelo MUF à empresa do PAC social que, no contexto da Rio+20, estava interessada em desenvolver projetos ecológicos e, portanto, financiou o projeto.

Para iniciar os trabalhos de elaboração do Caminho do Alto, uma das primeiras ações do MUF foi realizar uma visita à CoopBabilônia (Cooperativa de Reflorestadores da Babilônia), no Morro da Babilônia, no Leme, onde um grupo de moradores conduz um projeto de reflorestamento local e onde também desenvolveu um projeto de ecoturismo (MORAES, 2013).

“Seguindo” o MUF até à CoopBabilônia, passei do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo para a Babilônia e Chapéu Mangueira e notei que era possível me mover seguindo ideias e projetos que se conectavam através de moradores de favelas e suas redes. Iniciei então a minha jornada em busca de projetos e ações de turismo em favelas lideradas por moradores, “descortinando”, ou seja, observando os bastidores do processo de tornar favelas turísticas ou recuperando através da história oral como se deu esse processo.

Em 2012, acompanhei as atividades relacionadas à Rio+20 realizadas na Babilônia e Chapéu Mangueira e, em 2013, o processo de criação do Parque Natural Municipal da Paisagem Carioca. No mesmo ano, dei continuidade à pesquisa de campo junto aos reflorestadores, à secretária da cooperativa, ao engenheiro florestal da CoopBabilônia, além de agentes da Secretaria de Meio Ambiente da Cidade (SMAC). Nesse período, entendi que o reflorestamento da Babilônia fazia parte de um projeto mais amplo, iniciado nos anos 1980 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e com



frentes de reflorestamento em grande parte das favelas do Rio. Diante disso, iniciei uma exaustiva pesquisa documental em bibliotecas e arquivos da cidade para encontrar documentos sobre esses reflorestamentos.

Nessa busca, encontrei uma preciosa série de projetos e relatórios⁶ da extinta FEEMA (Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente), hoje INEA (Instituto Estadual de Meio Ambiente) que, com financiamento da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), conduziu o Projeto Ecodesenvolvimento em algumas favelas do Rio de Janeiro, dentre elas, Rocinha e Vidigal, além de ações no Jacarezinho, Maciço da Tijuca e Serra da Misericórdia, todos concretizados entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Realizei então uma cuidadosa análise documental e busquei o coordenador do projeto para uma entrevista, encontrando-o somente em 2015, com a ajuda de um morador do Laboriaux – Rocinha que participou de um dos projetos da FEEMA (MORAES, 2017).

Nas pesquisas de campo na Babilônia e Chapéu Mangueira, percebia o rápido surgimento de novos bares e albergues diante das expectativas para o Copa do Mundo de 2014. E, em junho de 2013, outro evento movimentou o Rio e, por sua vez, as favelas, tratado pela prefeitura como outro evento-teste para os megaeventos – a Jornada Mundial da Juventude Católica, quando jovens peregrinos do mundo todo chegaram à cidade para uma reunião com o Papa. As congregações e igrejas da cidade organizaram-se para receber e hospedar os peregrinos e alguns deles ficaram em casas, igrejas, e escolas em favelas. No Museu de Favela, por exemplo, uma programação especial foi elaborada para receber visitas de peregrinos; um concurso de *graffitis* foi organizado em homenagem ao evento, e um beco foi destinado às intervenções artísticas para registro e memória do acontecimento.

Entre 2013 e 2014, a pesquisa expandiu-se para uma nova fronteira do turismo – o Vidigal, que se destacava como um novo destino, atraindo um fluxo inesperado de turistas e visitantes. Uma série de albergues foi aberta nesta favela, festas voltadas para as classes média e alta carioca passaram a ser organizadas e promovidas no Vidigal, e a trilha do Morro Dois Irmãos acessada pela parte alta do morro passou a

⁶ Os documentos foram encontrados no Instituto Pereira Passos e na Biblioteca Nacional, de acordo com informações publicadas no livro de Lícia do Prado Valladares e Lídia Medeiros *Pensando as Favelas do Rio de Janeiro (1906-2000): uma bibliografia analítica* (2003).



ser uma das trilhas mais procuradas da cidade. Ao longo das primeiras visitas ao local, o intenso fluxo de pessoas e investimentos no Vidigal chamava a atenção de moradores e pesquisadores atuantes na área, o que mobilizou discussões públicas que levaram à organização da série de debates *Fala Vidigal*. Organizada pelo Fórum Inter-setorial do Vidigal⁷, o Albergue da Comunidade⁸, a ONG Comunidades Catalisadoras⁹ e a Associação de Moradores, reuniu, entre março e junho de 2014, às terças-feiras à noite, na praça e anfiteatro na entrada do Vidigal, novos e antigos moradores, ONGs, Estado e empresários para debater as mudanças em curso no Vidigal. Os debates foram filmados e relatados pela equipe da ONG Comunidades Catalisadoras e os conteúdos foram disponibilizados na internet¹⁰. O evento como um todo contou com um impressionante público de fotógrafos, jornalistas, pesquisadores e moradores, que variou entre cerca de 120 e 250 pessoas a cada noite.

Os debates foram uma boa oportunidade para o trabalho de campo, estreitamento de laços com a Associação de Moradores do Vidigal, guias e empreendedores do turismo local, além de um bom momento para contato com outros pesquisadores e moradores desta favela.

Em 2015, a etnografia multissituada sobre o turismo em favelas ganha forma e corpo com o I Congresso de Turismo de Base Comunitária da Rocinha. O evento era resultado de uma parceria entre o Fórum de Turismo da Rocinha¹¹, o Programa Rio+Social¹², e o Sebrae¹³, com o objetivo de discutir o turismo em favelas, aproximar pesquisadores, profissionais do setor, empreendedores, estudantes e gestores públicos. O congresso se deu entre os dias 14 e 15 de abril de 2015 na Biblioteca Parque da Rocinha e contou com 135 participantes. Esse evento foi de suma importância para a

⁷ Reúne pessoas e organizações ligadas a trabalhos sociais e prestação de serviços nesta favela.

⁸ Reúne moradores interessados em alugar quartos ou casas para turistas.

⁹ Reúne pesquisadores e busca o empoderamento e comunicação através de um centro de estudos sobre favelas.

¹⁰ Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?s=fala+vidigal>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

¹¹ Uma organização local para debate sobre turismo na favela.

¹² Programa da Prefeitura do Rio de Janeiro que visa contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de amparo social de favelas que receberam uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

¹³ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas que também atua nas áreas com UPP, auxiliando na implantação de novos negócios ou na regularização e melhoria de negócios já existentes.



visualização de fato de um o campo multissituado na rede ConTur, uma rede de guias empreendedores de locais de turismo criada pelo Sebrae.

Sobre o campo multissituado, é importante citar que após este evento descortinou-se a expansão do turismo em favelas. Em dois dias de congresso na Rocinha, tive a oportunidade de conhecer e dialogar com pessoas de diversas favelas do Rio. A partir de então, descobri um novo mundo do turismo em favelas, e passei a seguir essas conexões, em especial a Rede ConTur, com o objetivo de entender suas origens e suas relações.

A partir dos contatos no I Congresso de Turismo da Rocinha, em especial através do vice-presidente do ConTur, estreitei relações com a rede e voltei para o lugar que ocupava com o Museu de Favela, um lugar de troca, no qual gosto de fazer pesquisa. Passei a participar das reuniões do ConTur e a colaborar com eles na elaboração de suas atas. Do ConTur fiz visitas à Rocinha, Tabajaras e Cabritos, Turano, Salgueiro e realizei entrevistas com membros da rede para entender a origem dessas iniciativas e a atuação no ConTur. Nesses momentos, pude ver e entender os bastidores da expansão do turismo em favelas no Rio de Janeiro e as redes que foram construídas para colocar novas favelas no mapa turístico. Deixei as principais favelas turísticas do Rio de Janeiro e conheci algumas *off the beaten track*, as favelas fora dos principais circuitos turísticos; entre elas, algumas na zona norte e zona oeste.

Durante este período, a etnografia multissituada era conduzida com apoio das redes sociais, mas não exclusivamente. Acompanhava grupos de moradores em favelas, era amiga nas redes sociais de diversos guias e empreendedores das favelas e acompanhava suas postagens que muitas vezes davam pistas de como estava o fluxo de turistas nas favelas. Pelas redes sociais também me informava sobre eventos e atividades para participar e encontrar moradores, guias, turistas, agente públicos etc. No entanto, não tratava esta pesquisa como etnografia virtual ou digital (KOZINETTS, 2014), mas sim, como mais um “local” de pesquisa, dentre os outros locais da pesquisa multissituada. Ou seja, do mesmo modo que seguia um morador de uma favela para a outra, indo junto para uma reunião, eu também “seguia” esse morador nas redes sociais, em uma lógica de extensão da vida social para uma vida também digital, mas não exclusivamente. No entanto, o que era apenas uma parte pequena da pesquisa de campo, virou uma parte importante, como explicarei a seguir.



A DESCOBERTA DE UM CAMPO VIRTUAL NO CAMPO MULTISSITUADO DO TURISMO EM FAVELAS

As possibilidades analíticas oferecidas pelo paradigma das novas mobilidades (SHELLER e URRY, 2006, 2016) orientaram a continuidade da pesquisa no afastamento físico do campo entre 2015 e 2016 quando da realização de estágio de pesquisa na Inglaterra, justamente no Centro de Pesquisas para Mobilidades (CeMoRe / Lancaster – Reino Unido).

Neste período fui desafiada a continuar a pesquisa mesmo sem poder seguir fisicamente meus interlocutores nas favelas. E conforme apontado por Buscher e Velloso:

Mol e Mesman (1996, p. 422-423) já chamavam a atenção para os “riscos de se ‘fetichizar’ a ideia de movimento presumindo, como único recurso metodológico, a necessidade de o pesquisador seguir, fisicamente, seu objeto de pesquisa por onde quer que ele passe: afinal, o que deveria o pesquisador fazer caso esse acompanhamento constante se mostrasse inviável? Paralisar a pesquisa?” (2018, p. 134).

Assim, fiz uso das redes sociais para manter a interação, considerando que todos os meus interlocutores nas favelas estavam utilizando-as ativamente. O que Elliott e Urry (2010) apontavam como uma característica das “vidas móveis” na sociedade contemporânea, onde os encontros face a face e mobilidades físicas ou dos corpos se entrelaçam com mobilidades virtuais e encontros mediados por redes sociais ou outras plataformas de interação / comunicação. Nosso cotidiano já é permeado por novas tecnologias de comunicação e informação como dispositivos móveis do tipo smartphones e infraestruturas de comunicação como as redes 4G, 5G e internet wi-fi que nos possibilitam manter contato enquanto nos movemos ou quando estamos parados, mas distantes fisicamente.

Nesse período de distanciamento físico, participei de congressos internacionais e reencontrei pesquisadores com quem tive algum contato em campo e conheci novos, que também pesquisavam as favelas do Rio de Janeiro, mas que não havia encontrado em campo. Foi um período em que aprendi a lidar com o distanciamento e entender este lugar como profícuo para reflexões e análises e, de certo modo, aprendi sobre a pesquisa virtual e distante com estes pesquisadores. E foi deste lu-



gar que descobri uma favela ou favelas visitáveis virtualmente, neste sentido, segui a metáfora da favela turística no campo virtual e encontrei, às vésperas dos Jogos Olímpicos Rio 2016, uma então recém-lançada plataforma do Google *Além do Mapa*¹⁴ (*Beyond the Map*), com a promessa de levar o turista digital para “as comunidades do Rio de Janeiro, lar de mais de 1,4 milhão de pessoas”.

Ao acessar a página, o primeiro roteiro que vemos é um passeio de mototáxi pelo Morro São Carlos. Passando por ruas estreitas, ouvimos os barulhos da favela, as músicas, o cachorro latindo; passamos raspando em paredes de casas e em vias à beira de encostas de onde se pode ver a favela no horizonte. Durante este percurso, o visitante digital pode clicar no centro do vídeo, onde aparece 360° para girar a câmera e visualizar o que está na margem.

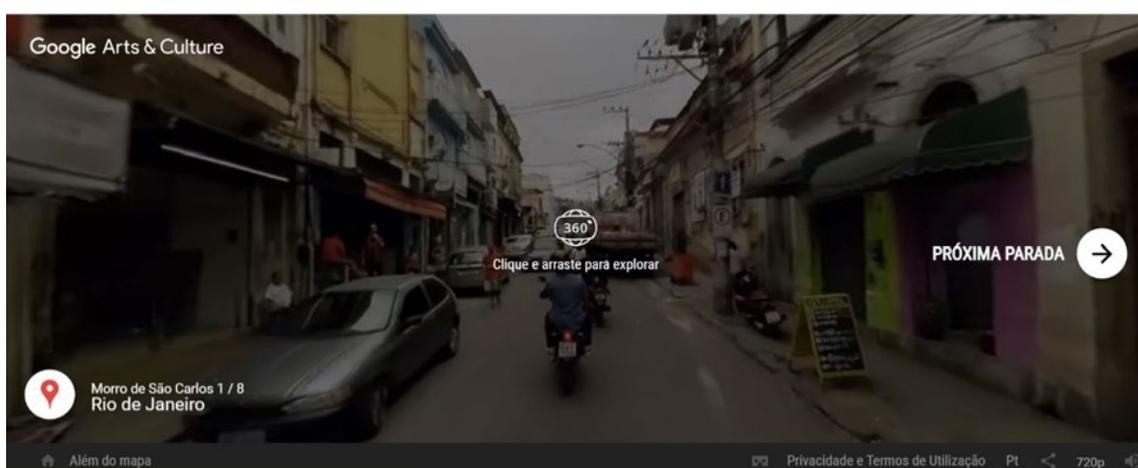


Figura 2 – Imagem do início do tour virtual da Plataforma Rio Beyond the Map
Fonte: Google Arts & Culture – Projeto Beyond the Map

Ao chegarmos à parte alta da favela, descemos da moto e fomos recebidos por nosso guia, Jonathan Haagensen, ator e modelo brasileiro, nascido e criado no Vidigal, famoso pela sua atuação no filme *Cidade de Deus* (2002), que é parte fundamental do quebra-cabeça sobre o turismo em favelas e da teoria sobre a *travelling favela* (FREIRE-MEDEIROS, 2013).

Jonathan nos apresenta brevemente a favela do São Carlos, localizada no Centro do Rio de Janeiro, e explica que essa, como outras favelas, abriga pessoas com

¹⁴ Disponível em: <<https://beyondthemap.withgoogle.com/pt-br/>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

história de vida interessantes que teremos a oportunidade de conhecer. Ele nos dá as primeiras opções: a história de Paloma, jovem da Maré, ou Luís, jovem do Complexo do Alemão. No canto esquerdo da tela, temos ainda um símbolo que indica que há uma foto para visualizarmos e, ao clicarmos no ícone, abre-se uma foto da Providência e de seus primeiros barracos e um áudio nos fala sobre ser essa “a primeira favela da cidade”.

Optei por seguir o tour sobre Luís e o vídeo nos leva para o Complexo do Alemão, que identificamos rapidamente pelas imagens das gôndolas do teleférico. Lá, conhecemos a história de um jovem que começa a dançar por causa de um jogo de vídeo game, despertando seu desejo por ser bailarino. No vídeo, Luís e sua mãe falam de sua história e dos preconceitos que o menino sofreu. Assistimos ainda a falas de professores de balé da favela e do Teatro Municipal, enquanto vemos Luiz na Kombi e, depois, no ônibus, indo até a sua primeira visita ao Teatro. Lá, encontramos novamente nosso guia, que nos encaminha para a história da Paloma e explica que, a qualquer momento, podemos clicar no ícone do *Google Maps*, no canto inferior esquerdo da tela, e escolhermos para onde queremos ir. Ao fundo, temos ainda três ícones com imagens do Teatro Municipal com áudios explicativos.

Do Teatro, o vídeo nos leva para a Maré e, enquanto sobrevoamos a favela, Paloma começa a falar sobre como as favelas são um “ponto em branco no mapa – correio não entra, correspondência não entra, é como se nós não existíssemos”. A jovem nos fala sobre um episódio de violência, quando uma bala entrou em sua casa durante um tiroteio. “Pra dar a volta por cima, eu sabia que eu tinha que fazer alguma coisa. Então, quando eu tinha uns 6 anos, eu fiquei fascinada de eu programar e o computador me dizer *hello*, então se eu podia fazer isso, eu podia mudar o mundo”. Com acesso restrito ao computador, a jovem narra brevemente como chegou ao curso de Ciência da Computação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao final de sua fala, nosso guia nos apresenta outras duas propostas de tour, um na Rocinha e outro no Vidigal.

Seguimos para a Rocinha para conhecer a história de Ricardo, que era baloeiro do tráfico, era quem soltava balões em comemorações, um trabalho que Ricardo resalta como “muito tenso”; por isso, decidiu mudar de vida, começou a surfar e



montou uma escola de surf para as crianças do morro. O professor diz que, hoje, trabalha com pessoas que vêm de todo lugar e, nas imagens, vemos cadeirantes tendo aulas de surf com ele, entramos no mar com o professor até chegarmos a uma pedra onde encontramos nosso guia, que nos convida para o Vidigal. Ao fundo, vemos três ícones de imagens: uma de Iemanjá, importante elemento das religiões afrodescendentes, conhecida como a “a rainha do mar”; outra que fala do futebol, com uma foto de gol na praia; e a última, uma foto do Morro Dois Irmãos que nos convida para a visita ao Vidigal.

Segui, então, para o Vidigal, onde o guia logo diz: “Esse é o meu lugar!”. Ele explica como esta favela é uma das “comunidades com maior efervescência cultural” e nos leva para um *tour* musical. A primeira parada é nas Morenas de Sol, um grupo de mulheres percussionistas que toca para nós na laje do que, aparentemente, é uma das novas construções do Vidigal, que poderia ser um restaurante ou um albergue; de lá, seguimos para a segunda parada musical, o hip hop, em uma casa mais simples, no tijolo, aparentemente em construção; ao fundo, vemos que estamos na parte alta do morro, com o mar ao fundo. No local, vemos nosso guia conversar com alguns jovens, que nos falam sobre o grupo teatral Nós do Morro e tocam uma música para o viajante virtual. Ficamos um tempo ouvindo o hip hop e encerramos o *tour* por esta favela em uma laje, onde Jonathan nos explica o papel fundamental dos moradores no “desenvolvimento das comunidades” e nos convida a voltar para o São Carlos, para encerrar o *tour* virtual.

No São Carlos, encontramos Zé Junior, fundador do grupo cultural AfroReggae, que nos explica o projeto “tá no mapa”, uma parceria do AfroReggae e do Google para mapear favelas. Zé Junior explica que, até então, as favelas eram representadas no mapa por uma mancha cinza, “como se nada existisse”. Assim, o projeto:

(...) vem tirando as favelas da invisibilidade, jogando luz, e o Google entendeu que esse era um projeto de inclusão, mais do que digital, social, e, a partir daí, buscamos mapear o máximo de favelas possíveis, mas com um foco maior do que só inclusão, mas também de mostrar os negócios. A gente consegue hoje trazer visibilidade e de algum modo fazer com que as pessoas sejam incluídas na cidade como um todo (trecho de fala de Zé Junior transcrito do vídeo na plataforma beyond the map).

Essa fala de Zé Junior mostra como novas demandas por inclusão social sur-



gem nas favelas a todo momento ou, por outro lado, como novas formas de exclusão social são produzidas constantemente. Em um mundo cada vez mais móvel, os moradores das favelas demandam por inclusão digital que, no caso da plataforma, se expressa na inclusão da favela nos mapas virtuais, o que fizeram, a título de ilustração, em uma rua do São Carlos, onde encontramos nosso guia para encerrar o *tour*. Jonathan nos conta sobre a inclusão da rua onde “estamos” no *Google Maps*, mais especificamente na ferramenta de visualização de ruas, e nos convida a transitar por ela. No caminho, temos mais alguns pequenos vídeos que apresentam negócios locais e artistas de rua.

Para alguns, a plataforma foi vista como estratégia para impulsionar o turismo nas favelas durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, um fluxo para o qual moradores vinham se preparando com expectativa de um público maior que o da Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2014. Para outros, a plataforma já estaria desmobilizando turistas de irem até as favelas, já que as notícias sobre a crise no Governo do Estado do Rio de Janeiro, atrasos de salário e problemas das UPPs já circulavam nos noticiários internacionais.

O interessante aqui é notar que a plataforma sintetizou de certo modo as favelas turísticas como campo multissituado, na medida em que, pela plataforma, é possível seguir um mesmo guia de uma favela para a outra apresentando como as favelas do Rio, de alguma forma, estão conectadas umas às outras e a um público de turistas nacionais e internacionais.

A RETRAÇÃO DO CAMPO MULTISSITUADO DO TURISMO EM FAVELAS E O RETORNO AO CAMPO MULTISSITUADO VIRTUAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Às vésperas dos Jogos Olímpicos, voltei para o Rio de Janeiro, reencontrei os guias, empreendedores, moradores e lideranças com os quais mantive contato virtualmente. Era agosto de 2016 e a cidade estava pronta, na medida do possível, para receber os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Nas favelas, as guias e os guias prontos para receberem os turistas. Esperava-se mais turistas do que na Copa de Futebol da FIFA de 2014, quando algumas favelas se viram lotadas. Mas esses turistas não vie-



ram, ou não vieram tantos como o esperado.

Passados os Jogos, este turismo entrou em queda, e deixou até de existir em algumas favelas. Guias mudaram de profissão e, em outubro de 2017, sucessivos eventos colaboraram para a piora e quase interrupção total do turismo em favelas. No início do mês, foi noticiada a retirada das favelas do mapa turístico oficial da cidade (ZARUR; LIMA, 2017). O que, na época, foi justificado pela Prefeitura do Rio de Janeiro como uma reimpressão de mapa desatualizado, diante de limitações orçamentárias, revelou-se como uma mudança da nova Prefeitura, recém-empossada, em relação às favelas e as políticas públicas nessas áreas. E, na manhã de 23 de outubro de 2017, uma turista espanhola foi morta durante uma operação policial na favela da Rocinha (MENDONÇA, 2017).

Dalí em diante, as favelas viveram momentos difíceis em relação ao turismo, em especial, a Rocinha, paradigmática favela turística. Neste período, acompanhei como foram as visitas às favelas, mas do mesmo modo que o fluxo de turistas para as favelas havia reduzido, também o fluxo de pesquisadores e as idas à campo. No entanto, o contato ainda era mantido pelas redes sociais, em eventos e outras atividades das quais participava em favelas ou com os moradores de favelas em outros espaços, como eventos acadêmicos, por exemplo.

Entre 2018 e 2019, o fluxo de turistas oscilou bastante, com altas temporadas e novo aumento na procura e frequência de turistas em favelas, mas em 2020, veio a pandemia do novo coronavírus e se instaurou uma nova crise.

Diante da pandemia do novo coronavírus, e motivada por uma chamada de um edital internacional para mitigação de impactos da pandemia, retomei os contatos com os moradores das favelas envolvidos no turismo. Desta vez, motivada por outra interpretação dos métodos móveis como instrumentos para uma “sociologia pública” voltada para a mudança social e de como estes avançam para uma melhor compreensão sobre as mobilidades em seus aspectos sociais, políticos, epistemológicos e emocionais (BUSCHER; VELOSO, 2018).

Buscher e Veloso (2018) sugerem a ampliação da ideia do “estar lá” (ou “estar junto”) para “novas formas de articulação do que é móvel e da própria mobilidade dentro de um encontro de pesquisa verdadeiramente colaborativo (BROWN; SPIN-



NEY, 2009, p. 130 apud BUSCHER e VELOSO, 2018, p. 137). Ainda segundo as autoras, “devemos e podemos pesquisar as diferentes mobilidades que nos atraem a atenção, desafiando nossa compreensão”. E, para isso, elas agruparam alguns exemplos de tipos de movimento e mobilidades que nortearam a pesquisa neste momento da pandemia. As autoras, assim como Marcus (1995), sugerem algumas formas de se mover com os objetos e/ou sujeitos de pesquisa: (1) mover-se e tornar-se, (2) mover-se e o movimento, (3) mover-se e comover-se e (4) mover-se por impulso.

No primeiro caso, mover-se e tornar-se, as autoras dialogam com a ideia do seguir as pessoas, as coisas e as metáforas de Marcus, mas destacam que este seguir pode fazer uso de tecnologias, pois nem sempre o pesquisador poderá seguir fisicamente, mas poderá seguir virtualmente com auxílio de câmeras e smartphones. No segundo tipo, mover-se o movimento, as autoras abordam como os movimentos devem vir para o centro da análise e podem ser investigados de diversas formas, desde uma investigação multiescalar dos movimentos até pesquisas com enfoques mais epistemológicos e ontológicos. No terceiro caso, mover-se e comover-se, as autoras exploram as pesquisas que lidam com as emoções provocadas pelos diversos movimentos como objeto de pesquisa e como o pesquisador também está sujeito a se comover. Por fim, as autoras chamam a atenção para as pesquisas que se movem por impulso, as pesquisas de intervenção.

Em todos os casos, as autoras buscam demonstrar como o ato de se mover, como método e metodologia, de forma figurada ou literal, “pode ajudar a enfrentar as imobilidades (forçadas, reais ou imaginadas) por meio de novas possibilidades analíticas e políticas” (BUSCHER; VELOSO, 2018).

Neste sentido, em contexto de distanciamento social, iniciei, em parceria com pesquisadores baseados na Inglaterra e com guias / moradores de favelas engajados no turismo, um estudo de avaliação de impactos da pandemia no turismo em favelas e nas vidas desses moradores, mas também um projeto voltado para a criação de alternativas para esse momento em que o turismo, que chamo aqui de “face a face” ou “presencial”, não era possível ou seguro.

Considerando todos esses anos de pesquisa e construção de uma rede de confiança com os moradores de favelas atuantes no turismo, iniciamos o projeto com



entrevistas virtuais. Estas entrevistas foram realizadas individualmente, ou seja, um guia / morador por vez reunido com a equipe do projeto e um tradutor que fazia uma tradução consecutiva, deste modo, o guia / morador falava em português e fazia uma pausa para a tradução logo em seguida do que havia sido dito. O interessante deste método de tradução é que todas e todos os envolvidos ouvem o que é dito em português e em inglês. Para as entrevistas, utilizamos as plataformas *Google Meets* e *Zoom*, de acordo com a disponibilidade e preferência dos guias / moradores.

Foram realizadas sete entrevistas com guias / moradores da Rocinha, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, Babilônia e Chapéu Mangueira, Santa Marta e Providência. Ao longo das entrevistas, identificamos a necessidade de uma alternativa de turismo para os guias / moradores e o turismo virtual apareceu como uma possibilidade. Alguns já haviam sido procurados para oferecerem tours virtuais em uma plataforma recentemente criada “Turismo Virtual no Brasil”, uma plataforma vitrine onde guias poderiam oferecer seus guiamentos virtuais. Mas nosso grupo de guias / moradores queria fazer algo com interação e andando pela favela, uma ideia de um tour transmitido ao vivo.

Comecei então a pesquisar o que existia de turismo virtual no Brasil na Plataforma mencionada pelos guias e no *Airbnb* que lançou também uma área chamada de “experiências virtuais”.

Nestas plataformas, não estavam disponíveis aquelas tradicionais visitas virtuais a museus ou galerias de arte onde o visitante virtual ouve áudios e lê textos enquanto anda virtualmente por uma galeria através de cliques com seu *mouse*. Os guiamentos pareciam com as chamadas *lives* que se popularizaram na pandemia. Eventos virtuais realizados via plataformas como o *Zoom* ou transmitidas para as redes sociais e / ou canais do *Youtube*. Os guiamentos virtuais lembram palestras, onde o guia monta uma apresentação em um software tipo *powerpoint*, *canva*, *prezi* ou similar com fotos, algum texto ou até vídeos. Outros guiamentos virtuais lembram um jogo de vídeo game, há quem os classifique como tour do tipo *gamer*, onde o guia acessa as tradicionais plataformas de visitas virtuais a museus e galerias, mas compartilha sua tela com o público e o guia ao longo de uma visita virtual.

Fizemos junto com o grupo de guias / moradores duas visitas virtuais e conver-



sas com guias profissionais que estavam trabalhando com turismo virtual. Nessas atividades, reunimos todo o grupo de guias / moradores e os pesquisadores do projeto. Ao final de cada atividade, havia um momento para perguntas.

Aconselhada por um dos guias / moradores criei um grupo de *whatsapp* para facilitar a comunicação entre todo o grupo e marcar as atividades coletivas. Entre as atividades coletivas mantinha um contato constante com todos os guias seja pelo grupo de *whatsapp*, mensagens individuais, ou ainda pelas suas redes sociais acompanhando suas postagens e *lives*. Isto porque alguns dos guias / moradores são também militantes ou lideranças locais ou atuam em projetos culturais como museus comunitários e, por isso, participaram ativamente de uma série de atividades durante a pandemia e os momentos de maior distanciamento social. Acompanhei quando pegaram covid, quando fizeram campanhas para projetos que estavam arrecadando cesta básica e produtos de higiene, além de recursos para sanitização das favelas.

Ao longo deste percurso, conheci novos guias / moradores com os quais construí relações de confiança, quase que por extensão das redes de confiança já estabelecidas anteriormente com outros guias / moradores, mesmo só tendo os encontrado virtualmente e nunca pessoalmente / presencialmente.

Neste período, compartilhamos experiências de turismo virtual, chamadas de editais, problemas de saúde, *lives* e outras atividades. Além disso, montamos juntos tours virtuais para cada guia / morador ou organização das favelas citadas. Todos os encontros foram totalmente virtuais e toda a preparação para as atividades era virtual, seja pela plataforma de reunião on-line, seja por troca de mensagens ou ligações de telefone. Desde então, praticamente não tive um dia sem contato virtual com algum guia / morador de favela.

Todo este trabalho culminou com a realização de seis *tours* virtuais, um por semana, entre outubro e dezembro de 2020. O primeiro *Live Tour* Virtual organizado pelo projeto foi com dois moradores da Rocinha, Erik Martins, guia profissional de turismo, e Antônio Carlos Firmino, liderança comunitária, produtor cultural e diretor do Museu Sankofa, um museu fundado por moradores da Rocinha para contar a história desta favela. Neste primeiro *tour*, nossos guias nos levaram pela Estrada da Gávea, que corta a favela da Rocinha, utilizando o *Google Maps* e a sua ferramenta de visua-



lização da rua pelo aplicativo de mapas; para complementar nossos guias utilizaram também o site do Museu, com fotos e mapas históricos, para nos contar a história desta que é comercializada turisticamente como a maior favela da América Latina. Neste *live tour* virtual de uma hora de duração contamos com tradução simultânea e uma audiência de mais de cinquenta pessoas entre estrangeiros e brasileiros, que no final interagiram com perguntas para os guias. A este se seguiram os demais *live tours*, sempre com a tradução simultânea para o público internacional.

Na semana seguinte, “viajamos” para um *live tour* virtual pela Providência, para o qual nosso guia, Cosme, filmou todo seu tour com a ajuda de outro morador. Cada ponto de parada e cada fala de Cosme ao longo do percurso foram registrados e compilados em um vídeo de cerca de 30 minutos. No *live tour*, assistimos a este vídeo com a mediação, ao vivo, do próprio Cosme que explicava e apresentava os principais pontos da Providência com o suporte visual do vídeo gravado.

No terceiro *live tour*, viajamos virtualmente para o Santa Marta, em uma visita virtual ao vivo mediada por sete guias de turismo, cada um de um ponto da favela. Seguindo o mesmo caminho que eles fazem nos roteiros regulares, nossos guias Salete, Mario, Marco, Elias, Mandundu, Verônica e Barbosa, cada um com seu celular, se apresentou e falou sobre o local onde estava na favela. Nos apresentaram o stand na entrada onde recebem os turistas, uma das escadas de acesso e o plano inclinado que nos leva à parte alta da favela e suas estações, além da associação de moradores e a famosa laje do Michael Jackson. Toda a idealização de transmissão de um tour neste formato foi pensada por eles, que elaboraram a proposta de uma transmissão ao vivo, inspirada no jornalismo, com cada correspondente, no caso do tour, cada guia em ponto da favela e ao vivo.

Do Santa Marta viajamos para o Chapéu Mangueira com Dinei Medina e AMAS-TUR, que reúne moradores que foram formados pelas associações de moradores da Babilônia e Chapéu Mangueira para atuarem como condutores nessas favelas. Nosso guia e condutores nos levaram, de forma bem similar ao grupo do Santa Marta, para os principais pontos da trilha acessada por essas favelas. Nos apresentaram o projeto de reflorestamento que há no local, a casa de pau a pique que fica no acesso à trilha, os mirantes e um dos painéis solares do projeto Revolusolar, programa que atua na



formação de moradores e instalação de painéis solares nessas favelas. Esse tour foi complementado pelo seguinte com André Constantini que nos levou por um tour pela Babilônia, descendo a favela e contando as histórias que não são contadas para os turistas em geral, o tour de André foi marcado pelo seu ativismo e debate antirracista, além de tessitura de uma crítica ao tratamento dado pelo Estado às favelas.

Por fim, a série de *live tours* virtuais foi encerrada com o Museu de Favela, onde começo minha trajetória como pesquisadora, é onde também encerro esta etnografia multissituada aliada aos métodos móveis. Volto a trabalhar com as mesmas pessoas que me formam pesquisadora e professora num tour virtual que apresenta a história do Museu e algumas das Casas-Telas, criadas pelo MUF para ilustrar as memórias dessas favelas e apresentar para os turistas.

Essa série de *Live Tours* Virtuais alcançou nas redes sociais aproximadamente 500 pessoas, entre brasileiros e estrangeiros, e reforça, junto com a plataforma *Beyond the map* do Google, como o turismo em favelas é um campo multissituado que, para ser estudados em sua complexidade, demanda dos pesquisadores que se coloquem em movimento e sigam os fluxos e redes que movem este turismo em favelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, trouxe um relato etnográfico multissituado sobre o turismo em favelas no Rio de Janeiro, acompanhando sua expansão no contexto dos megaeven- tos e posterior retração e reinvenção no contexto da pandemia do novo coronavírus. Vimos que a etnografia multissituada aliada aos métodos móveis (BUSCHER et al., 2011) se revelou como um importante e apropriado registro para dar conta de um objeto empírico – as favelas turísticas – em constante movimento. Isto porque, considerando todas as formas com as quais um pesquisador pode se “mover com” seus sujeitos de pesquisa, considero importante destacar como “trabalhar com” / “trocar com” / “colaborar com”, possibilitam pesquisas duradoras e possíveis ainda em contexto de crise, uma vez que constroem profundas relações de confiança.

Ao longo desses anos de trabalho de campo, encontrei um caminho para pes-



quisa e, de certo modo, o fiz com muita ajuda e colaboração de moradores de favelas. Mas também não posso isolar a vida de pesquisadora da vida de professora, até porque me formei professora ensinando na favela, em uma sala de aula improvisada em uma Base de Inserção Social do PAC. Foi lá que dei minhas primeiras aulas. Depois que ingressei na Universidade, continuei lecionando na favela levando os estudantes universitários para realizarem atividades junto aos moradores dessas áreas em salas de aula na favela. É por isso que minha figura em campo é uma mistura de profissional de turismo com professora e pesquisadora, mas prevalece a identidade da professora na favela, o que sempre me abriu portas em campo.

Foi na figura da professora que os guias / moradores de favelas confiaram a manutenção de um contato virtual, bem como entrevistas mediadas por meios digitais e ainda a participação em um projeto totalmente on-line. Encontraram espaço nas suas agendas de luta e sobrevivência, numa tentativa de manter essas favelas e suas vozes circulando em um formato alternativo de *tour* – o *tour virtual* –, ou melhor um *live tour virtual*. Uma proposta diferente do que estava disponível nas principais plataformas virtuais.

Este *live tour virtual* é uma mistura de *live* com *tour virtual*, e se configura em uma proposta de transmissão de um *tour* ao vivo e guiado pelas favelas, neste caso, sem turistas presenciais, apenas com turistas virtuais. A cada *live tour virtual*, que contava com uma audiência internacional, mas também nacional e de outros guias das favelas, o *live tour* seguinte era aprimorado, em um processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, ao longo deste percurso, e conforme indicado ao longo deste trabalho, esta pesquisa se deu fundamentalmente com os promotores locais do turismo, ou seja, aqueles moradores diretamente engajados na atividade turística em suas favelas, um resultado esperado em etnografias multissituadas, conforme apontado por Appadurai (1996). Para o autor, os grupos sociais focados em etnografias multissituadas tendem a ser os mais móveis e os que mais contribuem para combinar o campo em diferentes lugares em um campo coerente, transformando também seus locais em “translocalidades”. Deste modo, são os promotores locais do turismo que permitem a visualização e a elaboração das favelas turísticas como translocalidades,



conectadas através de redes e fluxos específicos.

A pesquisa é móvel, mas os sujeitos de pesquisa, os moradores de favelas engajados no turismo fundamentalmente também o são. Se movem pelo território mediando / conduzindo / guiando turistas e visitantes. Se movem entre favelas e pela cidade em reuniões e articulações sobre turismo e outras pautas. No contexto da pandemia, fizeram parte do grupo de pessoas que se moveu para que outros pudessem ficar em casa. Se moveram fisicamente em campanhas de arrecadação de alimentos e produtos de higiene, se moveram para trabalho, reuniões, atividades e atos e se moveram também virtualmente nas chamadas lives, e também em outros meios de comunicação como jornais nacionais e internacionais, além dos tours virtuais.



REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- BARBOSA, Gabriel Ferreira. A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 5, p. 169-179, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1684>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- BARBOSA, Gabriel Ferreira. “Favela Modelo de quê?”: O Processo de “Reencantamento” da Santa Marta através do Mercado de Turismo. **Revista Ensaios, Niterói**, v. 7, p. 111-130, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/37165>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- BÜSCHER, Monika; URRY, John; WITCHGER, Katian. **Mobile Methods**. London: Routledge, 2010.
- BÜSCHER, Monika; VELOSO, Luciana. Métodos Móveis. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 133-151, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- CARVALHO, Fernanda Caixeta. O Turismo Comunitário na Favela Santa Marta: perspectivas sobre o Programa Rio Top Tour no contexto eufórico do Rio de Janeiro pacificado. In: ENANPUR, 15, 2013, Recife, PE. **Anais eletrônicos...** Recife, 2013. Disponível em: <<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/235>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- DÜRR, Evelyn. Encounters over garbage: Tourists and lifestyle migrants in Mexico. **Tourism Geographies**, v. 14, n. 2, p. 339-355, 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616688.2012.633217>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- ELLIOTT, Antony; URRY, John. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010
- FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. Mobilidade e turismo em favelas cariocas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 346-361, 2015. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1223>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na Laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Touring Poverty**. New York: Routledge. 2013.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; VILAROUCA, Marcio Grijó; MENEZES, Palloma. Gringos no Santa Marta: quem são, o que pensam e como avaliam a experiência turística na favela. In: SANTOS, Angela Penalva; MARAFON, Glaucio; SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (Org.). **Rio de Janeiro**: Um território em mutação. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2012, p. 183-205.
- FRENZEL, Fabian. **Slumming it**. London: Zed Books, 2016.
- FRENZEL, Fabian et al. Slum Tourism: State of the Art. **Tourism Review International**. Themed Issue Slum Tourism - Part 1. v.18, n. 4, p. 237-252. 2015.



- FRENZEL, Fabian; KOENS, Ko. Special Issue: Global Perspectives on Slum Tourism. **Tourism Geographies**, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/toc/rtxg20/14/2>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- FROHLICK, Susan; HARRISON, Julia. Engaging ethnography in tourist research: An introduction. **Tourist Studies**, v. 8, n. 1, p. 5-18, abr. 2008. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468797608094926>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- GEERTZ, Clifford. **Works and Lives**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1988.
- HANNERZ, Ulf. Being there... and there... and there! **Ethnography**, v. 4, n. 2, p. 201-216, 2003. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14661381030042003>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- MEES, Luiz Alexandre Lellis. Espaços turísticos construídos no Complexo do Alemão por roteiros comerciais. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 5, p. 43-53, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1672>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- MEKAWY, Moustafa. Responsible slum tourism: Egyptian experience. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 4, p. 2092-2113, 2012. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738312001065>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- MENDONÇA, Alba Valéria. Morte de turista espanhola na Rocinha afeta turismo em outras favelas do Rio. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/morte-de-turista-espanhola-na-rocinha-afeta-turismo-em-outras-favelas-do-rio.ghhtml>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- MENEZES, Palloma. **Interseções entre novos sentidos de patrimônio, turismo e políticas públicas: um estudo de caso sobre o museu a céu aberto do Morro da Providência**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ, Rio de Janeiro.
- MENEZES, Palloma. Será que estaremos aqui quando as Olimpíadas chegarem? Novas oportunidades e preocupações pós-UPP na “favela modelo”. **Trama: indústria criativa em revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1. p. 42-58, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/trama/article/viewArticle/1708>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- MENEZES, Palloma. Um museu que a favela esqueceu? Reflexões sobre o processo de patrimonialização e turistificação do Morro da Providência. In: RAMOS, Silvana (Org.). **Planejamento de Roteiros Turísticos**. Porto Alegre: Zouk Editora e Distribuidora, 2012, p. 85-110
- MORAES, Camila Maria dos Santos. **Favelas ecológicas: passado, presente e futuro da favela turística**. 2017. 263f. Tese. (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

MORAES, Camila Maria dos Santos. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **Plural**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 65-93, dec. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2016.125110>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MORAES, Camila Maria dos Santos. A invenção da favela ecológica: um olhar sobre turismo e meio ambiente no Morro Babilônia. **Estudos de Sociologia**, v. 18, p. 459-474, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/6464>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Museu de Favela: pensando turismo e patrimônio no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo**. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MORAES, Camila Maria dos Santos. Caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. **Revista Intratextos**, v. 1, p. 32-46, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/intratextos.2010.407>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

OST, Sabrina; FLEURY, Sonia. O mercado sobe o morro: a cidadania desce? Efeitos socioeconômicos da pacificação no Santa Marta. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 56, p. 635-671, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000300006>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RODRIGUES, Fernanda da Silva Figueira. Observação Participante no Museu de Favela: Reflexões sobre o Turismo em um Museu de Território. **Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo**, Curitiba, v. 3, p. 30-52, 2014.

SILVA, Helga Santos; LAÉRCIO, Mariana Oliveira. Turismo em Favelas: a contribuição do poder público em Nova Brasília e no Morro da Providência. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 11, p. 100-117, 2012.

VALDUGA, Manoela Carrilo; MOURA, Reginaldo Lima. A segurança como elemento da hospitalidade: a presença das Unidades de Polícia Pacificadora como elemento facilitador do desenvolvimento do turismo nas favelas do Rio de Janeiro (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 630-647, ago/out. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6229>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

VALLADARES, Lícia do Prado; MEDEIROS, Lídia. **Pensando as Favelas do Rio de Janeiro (1906-2000): uma bibliografia analítica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 8, n. 2, p. 207-226, 2006.

SHELLER, Mimi; URRY, John. Mobilizing the new mobilities paradigm. **Applied Mobilities**, v.1, n. 1, p. 10-25, 2016.

ZARUR, Camila; LIMA, Ludmila. Folheto da Riotur distribuído a turistas tira favelas da geografia da cidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 set. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito para publicação em: 08/07/2021

